

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO LOCAL E A ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM ESTUDO DO PROJETO MANDALLA NA PARAÍBA

RESULTADO DE INVESTIGAÇÃO FINALIZADA

GT 18 – Reestruturação Produtiva, Trabalho e Dominação Social
Luiz Antonio Coêlho da Silva

RESUMO

No mundo atual, como alternativa ao capitalismo, surge a economia solidária, onde todos compartilham direitos e deveres, não existem explorados, há a repartição igualitária das sobras e a autogestão. Com base no Projeto *Mandalla* de Cuité, na Paraíba/Brasil, percebe-se que a investigação objetivou as peculiaridades locais, abrangendo os conceitos do desenvolvimento e verificação da viabilidade social deste projeto, conectados a economia solidária. É um estudo descritivo exploratório, de natureza qualitativa. Foi utilizada a análise de várias bibliografias, como Singer, Rousseal, Zapata e Albagli. Observou-se que a *Mandalla*, enquanto tecnologia social funciona de forma simples, com baixo custo, produção orgânica e saber. Portanto, este projeto abrange muitas famílias com princípios de união, solidariedade e cooperação, que envolvem aspectos de economia solidária.

Palavras-chave: desenvolvimento; desenvolvimento sustentável; economia solidária.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, faremos um breve relato do desenvolvimento local e sustentável, enfatizando seus conceitos e o projeto Mandalla, localizado na cidade de Cuité – Paraíba, como alternativa para a melhoria das condições de vida da população da região.

Enfatizaremos assim, o local, a globalização e o desenvolvimento local e integrado, que perpassam o lugar onde ocorrem e passam a fazer parte do dia a dia das pessoas, ampliando seus pensamentos e lutas mais cotidianas. Assim, a economia solidária surge como alternativa ao capitalismo tão avassalador e tão catastrófico, que possui muitas características que confortam a sociedade em vários aspectos, como bens materiais, melhorias na saúde, mais tecnologia e inovações. Porém, exclui sobremaneira quem não tem condições materiais para obter estes bens, tornando-os marginalizados do sistema capitalista.

Diante do contexto atual e com base na realidade do Projeto *Mandalla* implantado na Cidade de Cuité, na Paraíba, observa-se que a investigação objetivou a busca e a compreensão da realidade local, abrangendo os conceitos acerca do desenvolvimento e da sustentabilidade local e integrada, pois grande parte da população da cidade ainda é sumariamente vulnerável socialmente e economicamente, assim, buscam melhor qualidade de vida para os seus membros através de projetos viáveis, além da adequação dos princípios do projeto ao que rege a economia solidária.

Foi utilizado para este estudo a análise de várias bibliografias da área e explanados autores como: Cruz, Singer, Zapata, Dantas, Albagli, dentre outros de suma importância para desenvolver este trabalho. Foi feito ainda uma visita de campo ao projeto Mandalla em janeiro de 2010 para a coleta de mais informações e dados, onde foi estudado de maneira mais detalhada a problemática do estudo.

O trabalho está dividido em cinco capítulos, a seguir, respectivamente: introdução, fundamentação teórica, estudo de caso, considerações finais e as referências. Além do anexo 1 que consta as fotos atuais do projeto Mandalla.

Portanto, o desenvolvimento sustentável deve ser ampliado para todas as cidades, modificando a consciência das pessoas, aumentando suas esperanças por melhor qualidade de vida e a formação de uma nação mais justa e igualitária para todos, onde os princípios de preservação da vida serão respeitados e onde a sustentabilidade passará a ser a maior prioridade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITO DE LOCAL

Notamos que hoje em dia muitas pessoas e instituições governamentais se dedicam a trabalhar com a idéia do desenvolvimento local, o que proporciona aumento dos estudos sobre as economias regionais, locais e formas alternativas de economia, como a economia solidária. Todos estes estudos buscam a sustentabilidade e um desenvolvimento econômico e sustentável como saída ao desemprego e aos problemas estruturais que assolam a sociedade.

Assim, a palavra local não se refere a pequeno, diminuição ou redução, mas sim a conotação de alvo socioterritorial das ações, e passa assim, a ser retrodefinido como a abrangência do processo de desenvolvimento em curso, em geral, quando esse processo é planejado ou induzido. Já o desenvolvimento local é o processo de desenvolvimento que ocorre em espaços subnacionais, mas que no caso do Brasil (o desenvolvimento local começou no Brasil na década de 90), tais espaços geralmente são municipais ou microrregionais.

De acordo com Franco (2001: 25-26):

Em um processo globalizado o local é vítima, por assim dizer, de dinâmicas globais sobre as quais não pode ter nenhum controle, mas, em contrapartida, também pode influir nessa dinâmica. Por isso, talvez algumas pessoas começaram a falar em glocalização para se referir a este processo que avança simultaneamente em dois sentidos opostos, apenas aparentemente contraditórios: o global e o local.

Temos assim, que o local deve imaginar novas soluções e combinações produtivas para permanecer competitivo frente a seus concorrentes. O local é uma rua, uma comunidade delimitada em fronteiras. Assim, temos ainda que o local é moldado na combinação de condições e forças internas e externas, devendo ser compreendido como parte de uma totalidade espacial.

Quanto ao conceito de glocalização, temos que o local é um componente e um resultado do global.

Para Dantas (2003: 27), o local é visto como “elemento de transformação sócio-político-econômico, representando o *locus* privilegiado para novas formas de solidariedade e parceria entre os atores, em que a competição cede espaço à cooperação”. O local é considerado um espaço de articulação entre o moderno e o tradicional, suscitando a possibilidade de criação de soluções inovadoras para os seus problemas, através das sinergias entre os diversos atores, inclusive aqueles que fazem parte da própria realidade local.

Portanto, vê-se que o local e o global se entrelaçam e se complementam a todo instante, traçando sobremaneira os espaços econômicos e sociais atuais.

2.2 CONCEITO DE GLOBALIZAÇÃO

De forma geral, a globalização proporcionou a criação de novas identidades, a diferenciação de setores e, também, de localidades.

Para Albagli (1999: 181): “A globalização representa o fim da geografia, ou a anulação do espaço, expressa pela “desterritorialização” das atividades humanas, bem como a “despersonalização” do lugar enquanto singularidade”. Ou seja, a globalização torna os lugares sempre despersonalizados.

Portanto, temos que a globalização corresponde a um alongamento das relações entre o local/presente e o distante/ausente, por meio das redes, que estabelecem interações e conexões que perpassam o conjunto do planeta nas esferas econômica, política, educacional e social, o que tem provocado menos homogeneidade ou uniformidade, e mais o aumento da diferenciação e da complexidade cultural entre as nações. A globalização é muitas vezes vista como homogênea, mas a verdade é que ela é bastante plural. O global não tem limites, provocando respostas das culturas locais à globalização neoliberal que ocorre no mundo, modificando os ambientes, as relações humanas e sociais em seus vários aspectos, provocando o fortalecimento do capitalismo.

Já Zapata (2005), diz: “Vemos que a eficiência é vista de uma forma global e que não necessariamente reduzirá à pobreza e as desigualdades sociais. A globalização e a regionalização são tendências que não apenas coexistem, mas se reforçam”. Portanto, o regional vive sempre com o global e vice-versa.

2.3 CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO, DESENVOLVIMENTO LOCAL E SUSTENTÁVEL

Portanto, se o desenvolvimento humano e social fundamental para tornar sustentável o desenvolvimento econômico não ocorrer de forma automática em virtude de crescimento será necessário que ele seja promovido de forma integral em todos os níveis da sociedade.

Quando se fala em desenvolvimento, fala-se, portanto, em melhorar a vida das pessoas (desenvolvimento humano), de todas as pessoas (desenvolvimento social), das que estão vivas hoje e das que viverão amanhã (desenvolvimento sustentável). Ou seja, é a melhoria de todas as instâncias de uma sociedade: economia, saúde, educação, habitação, etc.

Já a sustentabilidade diz respeito à preservação ou à conservação de recursos naturais limitados e não renováveis de recursos. É o padrão de organização de um sistema que se mantém ao longo do tempo em virtude de ter adquirido algumas características que lhe resguardam capacidades autocriativas.

Neste contexto, temos as redes relacionais, as quais representam, em atividades dessa natureza, o maior e mais eficiente processo de comunicação e operacionalização das ações previstas nos planos.

Os recursos materiais ou intangíveis presentes nas redes sociais se direcionados para um esforço conjunto de desenvolvimento, convergem para a “eficiência coletiva”, envolvendo um complexo de interações locais, que propiciam a produção e reprodução de conhecimento tácito, reforçando processos de inovação e difundindo-os localmente.

Para Casarotto Filho e Pires (1999), como características estratégicas de desenvolvimento, temos: a garantia da sustentabilidade do desenvolvimento, a revisão de longo prazo e a descentralização e participação social.

Quanto se está descrevendo sobre o desenvolvimento sustentável são várias as conceituações dadas, mas a mais aceita e a mais disseminada de acordo com Franco (2001: 45) “diz respeito ao não esgotamento daqueles recursos naturais que são necessários para as gerações atuais e que, imagina-se,

serão necessários para as gerações futuras”. Ou seja, o desenvolvimento sustentável se preocupa com o futuro e com as novas gerações.

O desenvolvimento sustentável possui seis aspectos fundamentais:

- a) A satisfação das necessidades básicas da população (educação, saúde, etc);
- b) A preservação dos recursos naturais (água, oxigênio, etc);
- c) A solidariedade para com as gerações futuras (preservação do ambiente);
- d) A participação da população envolvida com o ambiente;
- e) A efetivação dos programas educativos; e
- f) A elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas.

Assim, temos algumas sugestões para o desenvolvimento sustentável, como: a coleta seletiva de lixo, a manutenção e preservação dos ecossistemas, a valorização da produção e consumo de alimentos orgânicos e a utilização de técnicas agrícolas não prejudiciais ao solo.

O desenvolvimento sustentável possui três componentes fundamentais, os quais são: a sustentabilidade ambiental, a sustentabilidade econômica e a sustentabilidade sócio-política. Portanto, estes componentes procuram garantir a subsistência do ser humano de forma consciente e do seu ambiente conservado de maneira sublime para as gerações atuais e as futuras.

Com relação ao desenvolvimento local integrado e sustentável (DLIS), este visa promover o desenvolvimento de unidades socioterritoriais delimitadas por meio de um conjunto de práticas, que devem contemplar: a capacitação para a gestão local; diagnóstico e planejamentos participativos; a articulação da oferta estatal e não-estatal de programas e ações com a demanda pública da localidade e o fortalecimento da sociedade civil, dentre outras.

Ainda para Franco (2001: 85-86):

O desenvolvimento local integrado e sustentável é uma forma de sustentar a pobreza, porquanto incide sobre as condições de vida da população que vive em bolsões marginalizados do território nacional. Embora não seja este único o único objetivo, o DLIS deverá potencializar o impacto das ações governamentais e não-governamentais, em todos os níveis, voltados para a melhoria das condições de vida dessas populações, o que significa uma atuação capaz de melhorar índices de habitação e saneamento, educação, morbidade e mortalidade, estado nutricional e emprego e renda.

Todavia, a junção deste processo de desenvolvimento, deixa margem para o surgimento de novas economias, como a economia solidária, que possui em seu cerne igualdade, solidariedade e conceitos de união entre os trabalhadores, que passam a ser seus próprios chefes.

2.4 CONCEITOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

A economia solidária ainda é algo muito recente na economia brasileira, o que desmonta em muitos conceitos em desenvolvimento e em construção. Não existe um conceito pronto de economia solidária, pois sempre se insere novos dados e informações, todavia, já se tem muitos princípios e conhecimentos formados sobre o assunto. É neste contexto, de alternativa ao capitalismo, de socialismo real, que busca essa nova forma de economia, onde todos têm direito a tudo, onde não existem explorados e onde a autogestão está presente em todas as esferas da produção. Assim, vemos muitos conceitos de economia solidária, mas que em muitos pontos se entrelaçam e demonstram pontos em comum.

Para Paul Singer (2000), o nascimento da economia solidária é decorrente da invenção dos operários, nos primórdios do capitalismo industrial no início do século XIX, como resposta à pobreza e

ao desemprego provenientes da difusão das máquinas-ferramenta e do motor a vapor, para que assim se recuperasse trabalhos e se visasse princípios como igualdade e democracia.

Para Cruz (2001), vemos que no contexto atual, muitas políticas públicas são baseadas em projetos de economia solidária, onde as populações mais carentes têm sido privilegiadas. Tais políticas possuem a missão de aumento do emprego e da renda para populações à margem do mercado formal, como forma alternativa ao capitalismo e na busca por melhores condições de vida destas populações, tão carentes de melhorias e de atenção pelos poderes públicos.

Ainda para Cruz (2001: 17):

A economia solidária existe e se caracteriza pelo estabelecimento de relações e de propriedade distintas das relações tradicionais presentes em nossa sociedade. Entretanto, suas iniciativas estão imersas num mercado dominado pelas relações sociais que elas rechaçam, ainda que em boa parte das vezes este rechaço resulte de experiências práticas (empíricas) e não de escolhas políticas ou ideológicas.

Ainda para Singer, a empresa capitalista pertence aos investidores que entram com o capital financeiro para adquirir os meios de produção, onde a busca do lucro incessante é a meta primordial. Já a empresa solidária é basicamente de trabalhadores, que são apenas donos secundários do negócio, e que a busca é pela quantidade e pela qualidade do trabalho empregado, e não o lucro.

Vemos que a economia solidária é uma transformação social e humana.

Já para Roussel (2007: 23):

As organizações solidárias fornecem uma resposta eficaz à degradação social, pois tem como objetivo promover a prática do compartilhamento e da solidariedade, buscando lutar contra o relaxamento das ligações sociais que se apresenta como uma causa e uma consequência desta degradação da situação econômica e social.

Temos que a economia solidária abrange características, como: assegurar o direito ao trabalho, permitir aos trabalhadores o acesso aos bens de consumo, implementar os princípios de solidariedade, principalmente entre produtores e consumidores, no sentido de corrigir o funcionamento de um mercado despercebido e o local e o global estão interligados.

Há ainda, neste contexto, o destaque do papel do Estado para conciliar os interesses individuais e o interesse coletivo na economia solidária, a qual busca a igualdade de relações e a subsistência e sustentabilidade de todos que a compõem como alternativa ao capitalismo selvagem e suas desigualdades, compondo uma sociedade mais justa e mais igualitária, com maior bem estar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 ESTUDO DE CASO: Projeto Mandalla na cidade de Cuité - Paraíba

Atualmente, vemos que existem várias formas de desenvolvimento sustentável nos municípios, tanto nos pequenos, como nos de grande porte. Neste íterim, surgem alternativas como projetos sociais, agricultura sustentável e projetos de sustentabilidade como o projeto Mandalla implantado em várias cidades do país. Assim, estudamos de forma detalhada o projeto Mandalla, localizado na cidade de Cuité, na Paraíba - Brasil, tendo seu endereço no Sítio Retiro, S/N (Estrada para a cidade de Nova Floresta, vizinha ao município de Cuité, ambas no estado da Paraíba). Neste estudo de caso feito em janeiro de 2010 foi observado em que se fundamenta o projeto, quais os seus objetivos; av sua estrutura, as atividades desenvolvidas, as perspectivas e a sua finalidade.

Observou-se que o projeto Mandalla funciona de forma dinâmica. Sua estrutura é feita de forma simples, de baixo custo, o que permite o acesso a indivíduos menos privilegiados pela sociedade

para colocá-lo em prática e adquirir seus benefícios pós-instalação. Os produtos da Mandalla possuem origem totalmente orgânica, trazendo benefícios para quem os seus produtores e seus consumidores, representando desta forma, além de uma fonte alimentícia segura, fonte de renda, proporcionando a dignidade dos agricultores envolvidos.

Quanto à criação do Projeto Mandalla, descobriu-se que foi criado a partir de pesquisas e estudos pelo empreendedor social Willy Pessoa em Janeiro de 2003, no estado da Paraíba, no município de Santa Rita. É uma proposta que tem por objetivos a difusão de tecnologias alternativas de geração de emprego e renda (como a utilização de haste de algodão, garrafas plásticas que servem como irrigadores, tanques que são utilizados para o armazenamento de água, cilindros para armazenamento de alimentos produzidos, sendo estes objetos produzidos com menor custo do que outros convencionais, etc), transformando a agricultura familiar em um negócio econômico rentável, ampliando a segurança familiar e a sustentabilidade ambiental para o desenvolvimento da região. Sendo assim, o projeto visa o desenvolvimento da agricultura familiar com técnicas alternativas e práticas, de fácil aplicação, de baixo custo com base no saber popular e aliado a técnicas apropriadas, possibilitando o início do trabalho sem que haja necessidade de altos investimentos, aproximando desta forma o homem ao meio ambiente em que vive e de onde tira o seu sustento diário e de todos os seus agregados, que muitas vezes não conseguem trabalho nas cidades.

A Mandalla é um sistema inovador, com produção orgânica agropecuária, que integra diversas tecnologias, as quais possibilitam em pequenos espaços físicos no campo ou na cidade utilizar pouca água em seu desenvolvimento, através de um eficiente sistema de gotejamento. Proporciona ainda, o cultivo de uma diversidade de culturas, como vegetais e a criação de pequenos animais, para garantir alimentação dos agricultores e de sua família, proporcionando o desenvolvimento sustentável familiar; e de acordo com a produção de tais produtos gerar excedentes suficientes para a venda que pode proporcionar lucros para os seus implementadores. (Ver fotos da Mandalla de Cuité – PB - apêndices 1 e 2).

Tal projeto é de extrema importância para a região em que é implantado e para o país e até para o mundo, no momento em que proporciona uma agricultura sustentável através das vantagens que são oferecidas para o agricultor, pelo fácil manejo e fácil acesso dos utensílios necessários para a agricultura, causando desta forma uma redução do investimento em materiais necessários para auxiliar o início da produção, trazendo também melhorias ambientais para o solo por não possuir produtos tóxicos, o que abre portas para uma nova geração mais consciente, segura e responsável; sendo isto de interesse para a humanidade, já que a maioria de outras atividades humanas envolve a manipulação do solo e causam impacto ambiental, o que não é viável e o que a longo prazo vai interferir na qualidade de vida dos seres vivos (tanto animais quanto humanos), além de proporcionar benefícios para a saúde, já que os produtos oriundos da Mandalla não possuem agrotóxicos, diminuindo assim o risco de adoecimento futuro. Portanto, todas as ações desse projeto se orientam pela contribuição ao desenvolvimento sustentável, compreendendo o equilíbrio entre "gerações atuais x futuras", "necessidades humanas x integridade da natureza" e "dimensões econômica, social e ambiental" de forma integrada e correlacionada.

Este sistema de cultivo mostra-se como uma estrutura em forma circular de produção de alimentos formada por nove canteiros ao redor de um reservatório de água por onde parte a irrigação necessária para a plantação destas culturas. Essa estrutura da Mandalla faz analogia ao sistema solar no qual o sol é a fonte de energia representado pelo reservatório central de água, e os canteiros são as órbitas dos nove planetas do sistema solar, representados pelos círculos que compõem a Mandalla e toda a sua estrutura sustentável.

Com toda a abordagem feita pelo projeto a nível nacional em termos sociais e sua inclusão no dia a dia de quem faz parte dele, há a demonstração da importância deste na vida da população e até onde ele chegou em pouco mais de 6 anos de fundação. O projeto Mandalla em nível de Brasil

conseguiu beneficiar mais de 4.500 famílias em 18 estados do Brasil e 6 países da América do Sul, América Central e África, contando com a ajuda de várias parcerias; recebendo ainda o patrocínio de instituições como a *Bayer*, o Banco do Brasil e o Serviço brasileiro de apoio às micro e pequenas empresas (SEBRAE).

A previsão do projeto Mandalla é que possam ser instaladas mais mandallas em muitos outros estados brasileiros, gerando mais postos de trabalho. Pois, é notório que este projeto abrange não apenas uma família isolada, mas muitas famílias em conjunto e de forma harmônica, com princípios de união e cooperação. Contudo, tal estudo deve ser estudado com mais afinco e pesquisas posteriores. Com isso, poderá haver o escoamento da produção das mandallas futuramente para os comércios locais, com a obtenção de lucros e de melhorias de qualidade de vida para todos os envolvidos, além de proporcionar mais saúde com a produção e consumo de produtos naturais e ecologicamente corretos para todas as gerações.

4. CONCLUSÃO

Assim, podemos afirmar que chegamos ao início do século XXI com um conceito de desenvolvimento sustentável mais amadurecido, com popularidade por todos os continentes, passando a fazer parte da vida cotidiana das pessoas. Hoje, temos uma forma de desenvolvimento que não está mais no plano abstrato, e que mostra-se cada dia mais real e possível, principalmente no plano local em seu contexto.

Notamos, todavia, que projetos como a Mandalla da cidade de Cuité – PB, proporciona melhor qualidade de vida para os agricultores e suas famílias, o que leva mais desenvolvimento local e sustentável para a região e torna as comunidades mais atrativas para as pessoas, que viam anteriormente estes lugares como lugares sem salvação. Com isso, a economia cumpre seu verdadeiro papel de integrador do desenvolvimento, capaz de proporcionar melhoria da qualidade de vida para todos, através de idéias inovadoras e de fácil manuseio, com baixos custos, ampliando seus horizontes e esperanças.

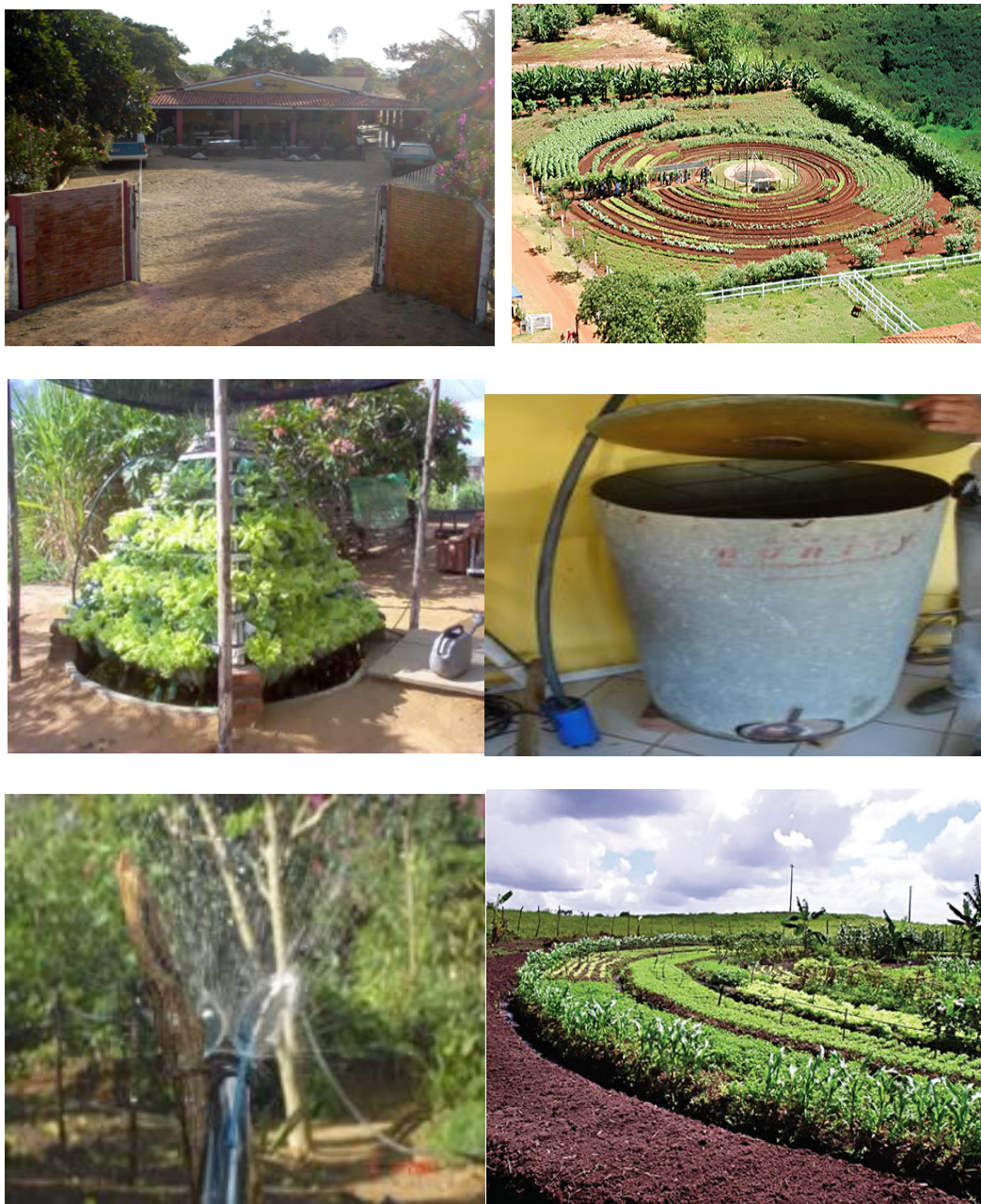
Em síntese, vemos que falta muito para que a economia solidária consiga o seu lugar de destaque tão merecido na economia, porém, vê-se que já são grandes as conquistas desta forma alternativa de produção no mercado e que usa a solidariedade como sua moeda. Porém, é necessário que a sociedade passe a dar mais valor a certos tipos de empreendimentos, que demandam mais princípios para o seu real crescimento, como é o caso da economia solidária.

A economia solidária necessita ainda da formação de muitos multiplicadores de seus princípios e a formação de um capital humano que leve a frente, dê continuidade a projetos nesta área e faça desta economia, uma verdadeira alternativa para o desenvolvimento dos países. Com isso, o avanço alcançado será notório nas esferas sociais, políticas e econômicas, proporcionando melhorias de vida significativas para todos, acabando com o individualismo e a pobreza extrema existente no mundo. Portanto, só através da economia solidária em pleno e real funcionamento seremos uma sociedade mais justa e com princípios de igualdade, fraternidade e solidariedade, proporcionando real desenvolvimento humano e social, com sustentabilidade em suas raízes.

5. REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, Sarita. Globalização e espacialidade: o novo papel do local. *In*: CASAROTTO FILHO, N.; PIRES, L. H. **Redes de pequenas empresas e desenvolvimento local**. São Paulo: Atlas, 1999. p. 84-109.
- CRUZ, Antônio C. Martins da. **O mar e a terra da economia solidária**. XXIX Encontro nacional da ANPEC. 2001.
- COELHO, F. Desenvolvimento local e construção social: o território como sujeito. *In*: SILVEIRA, C. M.; REIS, L. C. **Desenvolvimento local: dinâmica e estratégias**. Rio de Janeiro: Rede DLIS, 2001. p. 57-68.
- DANTAS, Leiliam C. **Desenvolvimento local e valorização de produtos dos engenhos de cana-de-açúcar em base territorial: o caso do Brejo Paraibano**. 2003. 204 f. Tese (Doutorado em Engenharia de produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003. p.23-57.
- DUARTE, Renata Barbosa de Araújo & VERAS, Clarice. **Histórias de sucesso: mulheres empreendedoras**. Brasília: SEBRAE, 2006.
- FRANCO, Augusto de. **Por que precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável**. 4ª ed. Brasília DF: Instituto de política, 2001.
- MARTELETO, Regina Maria & SILVA, Antonio Braz de Oliveira e. **Redes e capital social**. Set/dez. 2004. Brasília: v.33, p.41-49.
- Net**. Disponível em: <www.agenciamandalla.org.br>. Acesso em: 05/01/2010.
- PANHUYS, Henry. **Do desenvolvimento global aos sítios locais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.
- ROUSSEL, Erick. *L'économie solidaire et plurielle. Une lecture par le site*. *In*: DAGHI, Taoufik; ZAOUAL, Hassan. (Orgs). *Économie solidaire et développement local*. Paris: Horizon Pluriel/L'Harmattan, 2007. p. 19-47.
- SANTOS, Theotonio dos. **Economia mundial, integração regional e desenvolvimento sustentável**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SINGER, Paul. **Economia solidária: um modo de produção e distribuição**. São Paulo, Contexto, 2000c.
- ZAOUAL, Hassan. **Nova economia dos incentivos locais**. Rio de Janeiro: DP, 2006.
- ZAPATA, Tânia et. **A Gestão participativa para o desenvolvimento local**. Recife, 2004. Disponível em: <<http://www.iadh.org.br>>. Acesso em: 06 ago. 2005.

APÊNDICE 1: Fotos da Mandalla - Cuité, na Paraíba/Brasil. Sítio Retiro, S/N.



FONTE: Fotografado pelo autor (2010).

APÊNDICE 2: Fotos da Mandalla - Cuité, na Paraíba/Brasil. Sítio Retiro, S/N.



FONTE: Fotografado pelo autor (2010).